

Mote: «e nas nossas costas cairão nomes
como pedras»

De ‘mulheres masculinizadas e históricas’ a ‘nazi-feministas’: Reflexão sobre o discurso de ódio e de contrafeminismo na Internet

Chatarina Edfeldt

Universidade de Dalarna

Na carta intitulada “Texto de honra ou de interrogar, escrito por uma mulher de nome Joana”, em *Novas Cartas Portuguesas*, as Três Marias abordam as injustiças cívicas e o papel secundário desempenhado pelas mulheres nas sociedades globais, afirmando que “basta que ela [a mulher] *surja* e fale como ‘um homem’ para ser aniquilada e apedrejada” (Barreno/Horta/Costa 2010: 148). A carta integra também um apelo às mulheres pela manutenção de atos de resistência ao papel subalterno e de denúncia às realidades quotidianas. O conteúdo da carta está bem sintetizado no mote desta mesa: “nas nossas costas cairão nomes como pedras; mas putas e lésbicas, tanto se nos faz que nos nomeiam, desde que se luta e não se perca”. Proponho aqui, e a partir do mote, uma reflexão sobre a situação atual: como o ato mesmo de nomear sobrevive ainda, tendo sido transformado e adotado para os discursos na sociedade do século XXI.

O apedrejamento simbólico das mulheres, levado a cabo pelo uso de palavras que agridem e difamam, foi sempre uma estratégia eficaz do contrafeminismo, utilizada para demonizar, envergonhar, intimidar e desacreditar as mulheres que, tal como as Três Marias, se atreveram a levantar a voz na esfera pública e a reivindicar direitos políticos e igualitários para o coletivo feminino. A nomeação, alvejando sobretudo a esfera do privado – o aspeto físico (feio e anormal), a sexualidade (lésbica), os atributos ditos “femininos”, e a sua ausência, e o papel de mãe/esposa – tem sido um veículo eficaz para remeter o coletivo das mulheres ao silêncio. Assim, se as ativistas da primeira vaga, nos finais do século XIX e no início do século XX, foram retratadas na imprensa como “doentes histéricas”,¹ “mulheres masculinizadas” e “prostitutas” pelo ato de levantar a voz publicamente, e assim ultrapassar a fronteira sexualizada entre a esfera privada e a esfera pública, as feministas da segunda vaga seriam apelidadas, conforme se lê na carta acima citada, de “putas” e “lésbicas”, quando não consideradas misândricas.

Farei aqui um levantamento de alguns exemplos das formas atuais dessa estratégia de denominação pejorativa, recorrendo principalmente a exemplos suecos atuais com a intenção de discutir como a política e as estratégias retóricas do contrafeminismo são praticadas hoje na Internet.² Começarei com o fenómeno global, recente e, infelizmente crescente, ou seja, a prática de expressão de ódio nas redes sociais, tentando detetar o modo como a Internet permite, e facilita, que indivíduos e/ou grupos, sob a capa do anonimato, utilizando uma violência retórica com raízes nas ideologias de extrema-direita, nacionalista e populista, de novo ameacem e aterrorizem as feministas e as mulheres que levantam e exigem uma voz no discurso público.

Existem vários estudos académicos que se debruçam sobre o lado progressivo da Internet, centrando-se na potencialidade de que ela se reveste para o empoderamento político de movimentos sociais. Entre estes estudos, conta-se o de Henry Jenkins, que tem mostrado como as *fan culture communities* e outras comunidades na Internet praticam uma *cultura participativa* que permite aos membros reunirem-se e utilizarem uma *inteligência coletiva* para resolver questões e/ou influenciar os processos políticos (Jenkins 2006 e 2008). Assim, as redes sociais têm revolucionado e perturbado os equilíbrios de poder na

cena política global, promovendo processos de reivindicação democráticas como aquele que vimos, por exemplo, com a chamada “Primavera Árabe”.³ Porém, sendo a Internet sobretudo um veículo de comunicação, é também verdade que os grupos de política extrema e as forças fundamentalistas – que antes dela eram isolados e marginalizados – a descobriram como um veículo eficaz para mobilizar e espalhar o preconceito e o ódio e para recrutar novos membros.

Se atentarmos na prática da difamação das feministas e do feminismo na Internet nos tempos atuais, torna-se claro que esta prática de ódio e as suas manifestações mais grosseiras são reconhecíveis. Mas se, no século XIX e mesmo nos finais do século XX, os representantes principais do contrafeminismo vinham das instituições políticas e culturais, de homens de poder das classes privilegiadas, esses representantes parecem agora emergir de grupos marginalizados na sociedade que operam sob a capa do anonimato. E aquilo a que assistimos é a ameaças de violência física, na maioria das vezes uma violência sexualizada para silenciar as mulheres. O que torna estas ameaças ainda mais graves é o facto de elas conterem também exortações a outros para que cometam estes atos. Num documentário transmitido na televisão sueca em fevereiro de 2013, doze mulheres suecas (atrizes, escritoras, jornalistas, apresentadoras de televisão e de rádio e investigadoras) deram a cara e leram em voz alta as ameaças que tinham recebido por *email* ou por redes sociais.⁴ Eram ameaças de morte, descrevendo vários métodos bestiais e frequentemente recorrendo à violência sexualizada. A citação que se segue, extraída de uma carta enviada a uma escritora, jornalista e feminista bem conhecida na Suécia, é disto exemplo ilustrativo:

– Envio-te um ultimato:

OU te despedes do DN [Jornal de Notícias, um jornal diário sueco], deixas a vida pública e vives a tua vida patética anonimamente, num subúrbio qualquer, e te sustentas com um trabalho pesado no McDonalds. (...)

OU prepara-te para uma declaração de guerra, onde nunca mais poderás sentir-te segura. Um dia, corto-te pessoalmente o pescoço e deixo-te a faca enfiada na cona. Ao contrário de ti, eu sou dotado de inteligência. Sei que, no início, vais pedir proteção, mas com o passar do tempo vais correr mais riscos ao imaginares que estás mais segura. Mas essa segurança é uma ilusão!! Vou matar-te quando menos esperares!!! (...)

A ESCOLHA É TUA

Saudações hostis do clube de fãs de Breivik ⁵

A carta anónima é assinada por “fãs de Breivik”, o terrorista islamófobo e “contrajihadista” que assassinou mais de 80 pessoas do Partido Social-Democrata, sobretudo adolescentes, no massacre de Utoya, na Noruega no verão de 2011. O seu manifesto, publicado na Internet – que, segundo ele, era o ato principal, constituindo o assassinato em massa apenas uma espécie de publicidade – tem o objectivo de alertar a Europa de que será conquistada e extinta pelo Islão. No manifesto, o ódio dirigido ao feminismo é tão distinto como a sua islamofobia, e estas ideias fundam e organizam a sua convicção nacionalista de direita. De tal forma é fundamental o ódio às feministas que é com ele que abre o manifesto, referindo o perigo de o feminismo ser o principal culpado pela feminização (e portanto enfraquecimento) dos homens ocidentais, o que conduziria à derrota do mundo ocidental.

A jornalista que recebeu a carta que citei testemunha que foi precisamente depois de ter publicado um artigo num jornal diário sobre a extrema-direita que o tom dos *emails* de ódio mudou radicalmente: “Depois de o meu artigo ter sido publicado, a minha caixa electrónica encheu-se com mensagens de um tom muito mais agressivo e intimidante do que os mails de ódio habituais. Além das ameaças de violência e assalto acrescentou-se o racismo como novo ingrediente” (Sveland 2013a: 141). O artigo abordava o modo como as ideias xenófobas se cruzam com as ideias contrafeministas na ideologia da extrema-direita. E como esses partidos de extrema-direita, agora representados em quase todos os parlamentos na Europa, estão a espalhar o ódio contra as minorias étnicas e imigrantes.⁶

Existem blogues dedicados especialmente à propagação destas ideias políticas, onde a expressão de ódio prevalece. Nestes blogues publicam-se, muitas vezes, os nomes, endereços e números de telefone das mulheres-alvo, as que têm voz pública. Apresento aqui mais um exemplo, que foi publicado em um desses blogues e que se refere a uma pesquisadora e jornalista que publicou vários livros sobre a extrema-direita populista atual na Suécia. No seu livro, intitulado *Os guerreiros de secretária* [Skrivbordskrigarna], a jornalista aborda e investiga as estratégias de propaganda e o uso da Internet pela extrema-

direita, oferecendo o seguinte exemplo dos comentários publicados, sob a entrada intitulada “Coscuvilhices sobre a jornalista Lisa Bjurwald?”, onde estão patentes os já muito conhecidos ingredientes do discurso retórico nacional-socialista:

Não dizia não a dar uma foda punitiva a essa prostituta estúpida e a colocar a minha semente ariana na sua boca.

7 de Junho, 2011

Não me admirava nada se ela fosse uma traidora da raça, considerando todas as asneiras psicóticas que vomita” [o texto contém erros gramaticais em sueco]

5 de Julho, 2011

Resolvía-se com um tiro... digo eu... (Bjurwald 2013: 9)

Não são subtis, nestes textos, as ligações entre as ideias contrafeministas e o racismo, a xenofobia, a homofobia, a islamofobia e os velhos métodos antidemocráticos de terror, com ameaças de violência física. Contêm, obviamente, a referência a atos criminosos: ameaça de morte e violação, incitamento ao ódio e à violência, etc. Ainda assim, e pelo menos na Suécia, tem sido difícil até agora iniciar processos legais e condenar alguém por estes crimes. Porém, há dois casos europeus recentes em França (2013) e na Grã-Bretanha (2014), respetivamente, onde o assédio pela Internet e o “Cyberbullying” no Twitter conseguiram levar à condenação dos agressores. Em França, a jornalista Rokhaya Diallo, que escreve sobre racismo e feminismo nas redes sociais, foi ameaçada de violação. O agressor, que a viu na televisão, e depois criou uma conta no Twitter apenas para a perseguir, foi condenado a pagar uma multa.⁷ No Reino Unido, duas pessoas no Twitter tinham ameaçado e exortado à violação da feminista Caroline Criado-Perez, por esta ter feito campanha para que as novas notas de 10 libras tivessem uma imagem de Jane Austen. Ameaçaram também a deputada Stella Creasy, que entrou em cena para apoiar Criado-Perez. A sentença de ambos foi uma pena de prisão.⁸

Este tipo de ameaças está a aumentar em número na Suécia, tanto em relação às mulheres como aos homens associados a questões de imigração, sociedade diversa e

multicultural, ou integração e direitos da comunidade LGTB. Estatísticas, já de 2013, mostraram que 50% das mulheres deputadas receberam ameaças de ódio.⁹ Há jornalistas que dizem ter de se habituar a viver com este tipo de ameaças, mas dizem também que começaram a pensar duas vezes antes de fazerem reportagens sobre questões políticas polémicas. Estas ameaças constituem, portanto, um perigo sério à expressão de liberdade no debate político e, conseqüentemente, ao sistema democrático.

Se continuarmos a pensar no contrafeminismo existente na retórica dos discursos de extrema-direita que não é necessariamente feito sob a capa do anonimato (há discursos paralelos, o não oficial e o oficial), será interessante voltarmos à prática da nomeação. Numa crónica transmitida na Rádio Sueca em 2013, uma conhecida feminista sueca enumera as denominações que geralmente lhe são atribuídas nos discursos de ódio e na retórica do contrafeminismo nos meios de comunicação social e nas redes sociais:

feminista-choramingas, feminista-louca, feminista-extremista, feminista-vítima, feminista de luxo, feminista-brutal, feminista-nazi, feminista de classe média, cabra-feminista, puta comunista feminista, feminista de elite, feminista de consenso, feminista-mafiosa politicamente correta, feminista de Marxismo Cultural, feminista-misândrica. (Sveland 2013b)

Muitos destes epítetos ecoam tempos passados: “feminista-louca”, “feminista de classe média” e a “feminista-misândrica” (a que odeia homens). Mas há outros, novos, que apelam a novas conotações: “feminista de consenso”, “feminista-mafiosa politicamente correta”, “feminista de Marxismo Cultural”¹⁰, ou até “feminista-nazi”. Estes últimos indicam uma mudança do equilíbrio do poder na estrutura da sociedade atual. Sugerem que o feminismo integra agora as instituições políticas e que o agressor/denominador se identifica e se considera como um marginalizado e subordinado ao discurso político hegemónico. Os epítetos fazem parte da retórica do discurso da extrema-direita populista de crítica à atual sociedade multicultural e diversa e, assim também, do discurso de ódio dirigido às mulheres com voz pública. Mas qual será a lógica discursiva desses grupos que têm raízes nas ideologias nacionalistas/fascistas de extrema-direita ao denominar as feministas contemporâneas de “nazi-feministas”?

Paralela a essa prática de ódio escondido sob a capa do anonimato, há um outro discurso político oficial da extrema-direita populista dedicado à estratégia de limpar e polir o conteúdo na sua retórica política – de forma a conseguir alcançar as pessoas mais moderadas que se assustariam com uma política e retórica extremistas. Por exemplo, o presidente do partido de extrema-direita populista os Democratas Suecos, presentes no parlamento sueco desde 2010, tem, a nível de superfície, implementado uma política de tolerância zero às afirmações racistas (tendo até expulsado já vários membros devido a afirmações desse teor). Porém, tendo deixado de se afirmar contra os imigrantes, o partido declara-se agora contra a política de imigração, apresentando como argumento o que entendem ser políticas de integração falhada por parte do Estado. Assim, é por se “preocupar” com os imigrantes que o partido deseja limitar a imigração e fechar as fronteiras.

Independentemente das diversas vertentes da nova extrema-direita, sejam elas a ultra-nacionalista, a contrajihadista, a nacionalsocialista, ou a direita-populista e nacionalista, todas utilizam o mesmo discurso contrafeminista, segundo o qual são agora os “homens escandinavos comuns” (brancos) os sujeitos discriminados e silenciados numa sociedade gerida por uma ideologia de diversidade, multiculturalismo e feminismo – ou pelo “Feminismo de Estado”, ou “Estado sueco-feminista”, para referir os termos utilizados.

Todas essas vertentes da nova extrema-direita afirmam que vivemos numa sociedade totalitária, no sentido em que não se pode criticar mulheres, imigrantes, imigração, Islão, etc., apelidando esta política de “política correta” e/ou “política de consenso”. Frequentemente, utilizam a estratégia de inverter (travestir) o discurso retórico dos movimentos de direitos humanos e cívicos ao afirmar que os seus argumentos políticos são submetidos a censura. Ou seja, apropriam-se do discurso reivindicativo dos direitos igualitários e da liberdade de expressão para poderem exprimir as suas ideias, promovendo desigualdade e discriminação. E, as mulheres ativistas e/ou feministas, pela lógica de serem as militantes e ditadoras neste sistema totalitário, são nomeadas “feministas-nazis”, “nazi feministas” e “feministas mafiosas”. Uma busca no Google destes termos revela que eles são divulgados em todas as línguas e por toda a Internet, havendo inclusivamente blogues

tratando vários contra-discursos das questões dos direitos das mulheres, desde o aborto até a teorias várias sobre o género e as sexualidades.

Porém, e para terminar esta reflexão, é importante salientar que estes são ainda grupos minoritários ou indivíduos que produzem estes discursos de ódio. Nota-se, contudo, uma tendência para a expansão dessa retórica vulgar das redes sociais destinadas aos debates até aos meios de comunicação social estabelecidos, tal como se verifica a adopção dessa retórica pelos jovens na Internet. Por exemplo, assisti a um “chat” entre dois jovens num fórum numa página de “streaming” no qual um sueco respondeu da seguinte forma à simples pergunta sobre a sua nacionalidade “sou sueco, e a Suécia é um país de feministas nazis, de amantes dos muçulmanos e de maricas”. A questão que se impõe, pois, é: como lutar contra este fenómeno global, contra a violenta expressão de ódio e do contrafeminismo que, em última instância, pode constituir uma tão séria ameaça ao nosso sistema democrático?

Nota final de Estocolmo, agosto 2016

Este texto foi elaborado no início do ano 2014 e especialmente, depois de ter revisto o seu último parágrafo, é óbvio que ele exige ser comentado a partir da realidade política atual. É com imensa tristeza que reconheço que a situação da retórica de ódio, em apenas dois anos, realmente se agravou até ao ponto de termos agora uma pessoa a concorrer à presidência dos EUA, e que explora e utiliza este discurso de ódio contra os imigrantes, em geral, e os muçulmanos em particular. Consequentemente, a retórica de ódio não conseguiu somente entrar em setores marginalizados do debate político oficial: ela colocou-se já no centro do discurso das eleições políticas da nação mais poderosa no mundo.

Nota final de Estocolmo, Dezembro de 2016

E, eleito que foi para presidente dos Estados Unidos da América a pessoa de que falei acima, é com maior tristeza ainda que constato como esse discurso tem vindo a ser acompanhado de acções – inomináveis.

Mais do que nunca, é hora de as mulheres se mobilizarem!

Notas

¹ Ver, por exemplo, a recensão elaborada por Oliveira Martins, sobre a obra *Cartas a Luíza*, da escritora Maria Amália Vaz de Carvalho (a primeira mulher a entrar na Academia das Ciências de Lisboa em 1912). Na sua recensão, Oliveira Martins recorre ao discurso médico da época, reduzindo a autora a “uma doente” que “sobretudo precisa de um médico” (Martins 1959). Também Ramalho Ortigão tem vários textos em que explica como o trabalho intelectual e a educação transformam os traços femininos físicos em mais masculinos (ver, por exemplo, Ortigão 1947).

² Os exemplos escolhidos no meu texto para ilustrar a expressão de ódio são retirados do discurso público sueco de 2013/2014. Embora a situação não tenha melhorado (muito pelo contrário, os comentários de ódio espalharam-se a mais áreas na Internet), muito tem sido feito para combater este fenómeno. De tal forma que alguma imprensa, ao lado da sociedade civil, tem levantado o problema, e têm vindo a criar-se contra-movimentos cívicos no sentido de implementar em novas legislações que criminalizem esses atos.

³ Os acontecimentos políticos na Primavera Árabe evidenciaram a força e a potencialidade das redes sociais para intervirem no processo político e até para derrubar regimes, falhando, porém, na apresentação de alternativas políticas locais, efetivas no espaço físico.

⁴ Documentário “Uppdrag granskning om näthat”, transmitido a 6 de fevereiro de 2013 na televisão sueca.

⁵ Todas as traduções do sueco para português são da minha responsabilidade. A carta é publicada no livro de Maria Sveland (2013a: 5).

⁶ O artigo, publicado no *Dagens Nyheter* a 8 de fevereiro de 2012, intitulava-se “Hatet som gör mig politiskt deprimerad” [O ódio que me faz politicamente deprimida] (Sveland 2012).

⁷ Veja-se a notícia “Une amende pour avoir appelé au viol de la militante antiraciste Rokhaya Diallo”, publicada no jornal francês *Le Monde*, a 24 de Janeiro de 2014.

⁸ Veja-se a notícia “Twitter trolls jailed for sending abusive messages to feminist campaigner Caroline Criado-Perez”, publicada no jornal britânico *Mirror* (Best 2014).

⁹ Cf. Noticiário *Rapport*, emitido na televisão sueca, a 11 de maio de 2013.

¹⁰ “Marxismo cultural” é a expressão que Breivik utiliza para designar “política correta”.

Bibliografia

Barreno, Maria Isabel/ Maria Teresa Horta / Maria Velho da Costa (2010), *Novas Cartas Portuguesa*, Edição anotada, Org. Ana Luísa Amaral, Lisboa, Dom Quixote.

Best, Jessica (2014), "Twitter trolls jailed for sending abusive messages to feminist campaigner Caroline Criado-Perez", *Mirror*, 24 January, online edition. <<http://www.mirror.co.uk/news/uk-news/twitter-trolls-jailed-sending-abusive-3058281>>

Bjurwald, Lisa (2013), *Skrivbordskrigarna: hur extrema krafter utnyttjar internet*, Stockholm, Natur & kultur.

Jenkins, Henry (2006), *Fans, Bloggers, and Gamers: Exploring Participatory Culture*, New York, New York University Press.

Jenkins, Henry, (2008), *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*, [New ed.], New York, New York University Press.

Martins, Joaquim Pedro de Oliveira (1959), "Cartas a Luísa, por D. Maria Amália Vaz de Carvalho (15-17)", *A Província, Obras Completas*, vol. 3, Guimarães, Guimarães Editores, 45-49.

Ortigão, José Duarte Ramalho (1947), "A crítica de uma Senhora às teorias das Farpas sobre a educação das mulheres" [Janeiro 1878], *Obras Completas, As Farpas VI*, Livraria Clássica Editora, 225-243.

Rapport (2013), Sveriges Television (SVT), SVT1, emissão de 11 de maio de 2013 [noticiário televisivo].

Sveland, Maria (2012), "Hatet som gör mig politiskt deprimerad", *Dagens Nyheter*, 8 de fevereiro. <<http://www.dn.se/kultur-noje/kulturdebatt/hatet-som-gor-mig-politiskt-deprimerad/>>

-- (2013a), *Hatet: en bok om antifeminism*, Stockholm, Leopard.

-- (2013b), “Sommar”, *SverigesRadio* [Rádio Sueca], 22 de julho, Programa de Rádio.

“Une amende pour avoir appelé au viol de la militante antiraciste Rokhaya Diallo” (2014), *Le Monde*, 24 de janeiro <www.lemonde.fr/societe/article/2014/01/24/une-amende-pour-avoir-appelle-au-viol-de-la-militante-antiraciste-rokhaya-diallo_4354123_3224.html>

Uppdrag granskning om näthat (2013), Televisão sueca, 6 de fevereiro, documentário.

Chatarina Edfeldt é Professora e Coordenadora do Departamento de Português na Universidade de Dalarna, Suécia. É membro do Grupo de Pesquisa “Transcultural Identities”, na Universidade de Dalarna e do projecto “Cosmopolitan and Vernacular Dynamics in World Literature”. É Colaboradora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Universidade do Porto e do CEMRI, na Universidade Aberta. As suas áreas de investigação são: Estudos sobre Mulheres, Estudos de Género e Literaturas de Língua Portuguesa. De entre as suas publicações, destaque-se *Uma história na História. Representações da autoria feminina na História da Literatura Portuguesa do século XX* (Lisboa: Câmara do Montijo, 2006). Mais recentemente, co-organizou o volume *Transcultural Identity Constructions in a Changing World* (Peter Lang, 2016).